

Só este ano, nada menos que 17 crianças xavantes saíram do Mato Grosso para morrer de desnutrição em Goiânia

Morte ronda os índios xavantes

Assentamento das aldeias em reservas cercadas por latifúndios, onde a caça é cada vez mais escassa, contribui para a fome e mortandade

ALINE LEONARDO

Com 7 meses de idade e pesando 3 quilos e 340 gramas, equivalente ao peso médio de um recém-nascido normal, o bebê xavante S. foi uma das 17 crianças que morreram, entre janeiro e outubro deste ano, depois de chegarem à Casa de Saúde do Índio em grave estado de subnutrição, insuficiência respiratória e infecção generalizada. A tragédia que vitimou o pequeno xavante revela um problema de saúde dramático, que atinge principalmente crianças dessa etnia, habitantes das aldeias situadas no Mato Grosso.

O assentamento dos índios em reservas cercadas por grandes latifúndios escasseou o alimento do grupo e pode ser uma das explicações para tantos casos que chegam até Goiânia, segundo o médico responsável pela Casa de Saúde do Índio, João Moreira Júnior. "Eles perderam o acesso à caça e à coleta e, com isso, as opções alimentares ficaram muito comprometidas", afirma o médico.

Hábitos culturais, pouco divulgados e muitas vezes negados pelos xavantes, como o de alimentar as crianças com as sobras dos mais velhos (que teriam o direito de se alimentar primeiro), também podem estar contribuindo para dados tão alarmantes. Todas as 32 crianças encaminhadas, só neste ano, pela Casa de Saúde do Índio para Unidades de Terapia Intensiva (UTIs) de hospitais goianienses, com complicações graves



Fotos: Cristina Cabral

Pais xavantes acompanham seus filhos desnutridos, internados em fevereiro no Materno-Infantil: quadro comum ao longo de todo o ano

decorrentes da desnutrição, são xavantes. Do total de 579 atendimentos de urgência que chegaram este ano à Casa de Saúde do Índio, 54,3% são dessa tribo.

Amamentação

Entre 31 de janeiro e 31 de março de 2000, foram removidas para Goiânia 36 crianças menores de um ano, em estado grave de pneumonia, desidratação e desnutrição. Três delas morreram. Os municípios de Água Boa e Campinópolis, ligados ao pólo de atendimento de Xavantina, no Mato Grosso, foram os



que mais encaminharam pacientes em estado grave de desnutrição. De lá vieram 21 pessoas ou 58% dos casos. Barra do Garças enviou 15 ou 42% das pessoas atendidas.

Com 2 anos e 7 meses, o menor R., de Campinópolis, chegou à Casa de Saúde do Índio pesando 8 quilos e 50 gramas, peso próprio para crianças de apenas 8 meses. "As mães perderam o hábito da amamentação e compram leite para dar a seus filhos. O mais grave é que a desnutrição afeta o cérebro das crianças. Se nada for feito, daqui a dez

anos teremos muitas ocorrências de doenças mentais entre os xavantes", declara o médico João Moreira Júnior, para quem não é satisfatório o atendimento prestado pelos municípios matogrossenses próximos às aldeias xavantes.

De acordo com o chefe do pronto-socorro do Hospital Materno-Infantil, Domingos Batista Cordeiro Alves, os casos mais comuns entre os xavantes são de desnutrição, tuberculose e malária. Segundo ele, ainda há muitas mães dessa tribo que amamentam. Entretanto, elas restringem a alimentação da criança ao peito até por volta de um ano e só então iniciam a comple-

mentação alimentar.

Além disso, é possível observar no pronto-socorro, conta Cordeiro Alves, o hábito das mães se saciarem primeiro. "A mãe come primeiro e só depois alimenta o filho. Normalmente enviamos duas porções, mas, nos horários de lanche, quando a alimentação enviada é só para a criança, ela costuma comer sozinha", diz. "Outras vezes, quando oferecemos uma dieta leve para a criança, em situações de diarréia severa ou de lesão da mucosa intestinal, eles brigam porque acreditam que não estamos cuidando do bebê e até trazem comidas mais pesadas para o hospital", conta.

Aldeias são distantes dos hospitais

A reserva onde vivem cerca de 11 mil índios de 170 tribos xavantes, originalmente caçadores e coletores, é quase toda cercada por grandes fazendas. Essa limitação geográfica diminuiu a quantidade da alimentação e reduziu as opções do cardápio. Além disso, algumas aldeias ficam distantes dos distritos e pólos de atendimento à saúde, o que favorece o agravamento do quadro das pessoas que ficam doentes.

Para solucionar o problema, a idéia da Fundação Nacional do Índio (Funai) é firmar parcerias com a Fundação Nacional de Saúde (Funasa) e organizações não-governamentais nacionais e internacionais, com a intenção de encontrar soluções alternativas para melhorar e enriquecer a alimentação das aldeias. Alguns projetos para incentivo à criação de abelhas, à agricultura de subsistência e à formação de lavouras comunitárias estão sendo encaminhados a essas instituições.

Deslocamento

"Algumas aldeias são muito distantes e o deslocamento do índio doente é difícil. Precisamos provocar a Fundação Nacional de Saúde (Funasa), que agora é quem cuida da saúde do índio, para colaborar conosco em projetos que visem a melhoria da alimentação. A saúde não é só o remédio e esses projetos podem combater a desnutrição", afirma o administrador executivo da Fundação Nacional do Índio em Goiânia e coordenador do distrito xavante, Edson Beiriz.

Segundo ele, a roça comunitária está sendo incentivada, dentro do sistema já utilizado pelo índio, através do fornecimento de insumos básicos. "Além disso, estamos criando associações indígenas para reduzir todos esses problemas e ajudá-los a sair desse quadro de desnutrição", diz. No total, mais de dez associações já foram montadas.

Atendimento

Segundo a chefe do Distrito Xavante de Barra do Garças, no Mato Grosso, Leila Maria Sílvia Rosa Fonseca, os índios têm uma resistência muito grande ao atendimento médico fora da aldeia, e a precariedade do atendimento na cidade contribui para o agravamento da saúde.

"A infra-estrutura é muito precária e alguns médicos preferem fazer o encaminhamento para outras unidades, porque são ameaçados quando um índio morre em suas mãos. É complicado. Até porque eles não tinham assistência antes. Acredito que a demanda ainda irá aumentar mais, já que temos, agora, agentes de saúde em toda a região fazendo os diagnósticos".

Para Leila Maria Fonseca, a dificuldade de acesso às aldeias é, também, um fator muito preocupante. "Temos um cronograma, mas, muitas vezes, não conseguimos cumpri-lo por causa das dificuldades territoriais. As áreas são grandes. Trabalhamos com 114 aldeias, em nove municípios", diz.

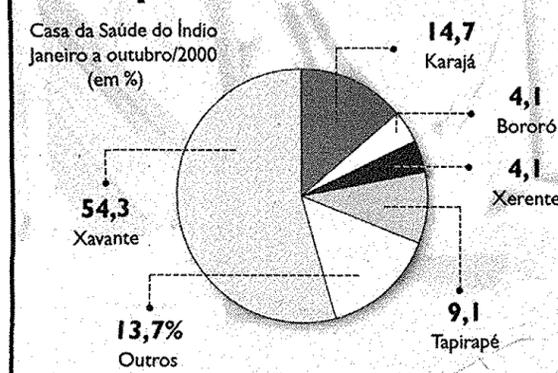
Fim do fogão à lenha favorece micróbios

Para o índio xavante Hiparidi Topiro, coordenador da Associação Xavante da aldeia Abelhinha e estudante de Ciência Sociais da Universidade de São Paulo (USP), os problemas de saúde indígenas envolvem questões profundas, relacionadas ao processo de globalização e até à destruição do cerrado. O fogão à lenha foi substituído pelo fogão à gás, que não aquece as casas e não elimina os micróbios. A casa fria e a proliferação de micróbios num ambiente sem saneamento básico pode ser, na visão de Topiro, a razão para doenças como a pneumonia, comum entre a tribo.

As necessidades fisiológicas são saciadas ao redor das casas ou próximas às margens de rios. "A água fica poluída e nós a utilizamos para tudo. Antes éramos semi-nômades e, sempre que o ambiente estava ruim, mudávamos de lugar. Hoje isso não é mais possível, pois a reserva é menor. O banheiro não existe nessas aldeias e não podemos ignorar seu benefício só por causa das dificuldades de adaptação", diz.

Por causa da diminuição do território indígena, a anta e o veado, animais caçados pela tribo e importantes para a boa alimentação, são difíceis de serem encontrados e os que existem no local estão morrendo intoxicados nas plantações de soja, protegidas de insetos com doses fartas de agrotóxicos. "Os fazendeiros não respeitam imposição legal de se preservar 20% de mata nativa do cerrado. As plantações vão se expandindo e a caça diminui consideravel-

Fluxo por etnia



Crianças na Casa de Saúde do Índio, que realizou este ano 576 atendimentos de urgência, a maior parte deles de índios xavantes

mente. Algumas aldeias já estão aceitando a cesta básica", afirma Topiro. "Os fazendeiros desmatam além do que podem e o agrotóxico que utilizam na plantação da soja também poluem os rios e matam os peixes", diz, criticando a fiscalização deficiente.

A entrada na tribo de alimentos estranhos à sua cultura, como o arroz, o açúcar, biscoitos e balas, somada ao sedentarismo por causa da falta

de caça, está introduzindo nas aldeias indígenas a obesidade, outro fator muito preocupante. "Os índios estão sedentários, caçam menos e, alguns, deixaram de caçar e de desenvolver outras atividades porque recebem um salário da Fundação Nacional de Saúde (Funasa) para trabalhar com agentes de saúde dentro da tribo. Com isso, eles tiram a chance dos curandeiros de introduzir diversos remédios em

nossa cultura", diz.

Na Aldeia Abelhinha, na reserva de Sangradouro, a associação que Topiro coordena já controla a entrada de alguns alimentos. Balas, doces e biscoitos são proibidos. O açúcar é usado com moderação, já que eles são produtores de mel. A comida tradicional, com alimentos de raiz como o cará, a batata, a mandioca e abóbora, é incentivada. "Não deixamos a comida de fora

entrar. O leite integral é aceito, mas, o óleo, por exemplo, é pouco utilizado. O arroz branco, entretanto, já não temos como evitar".

O índice de desnutrição é baixo nessa aldeia, segundo Topiro, e para reduzi-lo ainda mais está sendo desenvolvido, pela associação, um projeto de criação de galinhas, em parceria com a USP. "Queremos ampliar esses conceitos para outras aldeias", diz ele.